

Novas Interações sobre os Cantos do Sul da Terra

A identidade gaúcha tem sido reinterpretada na história recente por diferentes lentes no espectro da cultura brasileira. Um movimento de antropólogos, historiadores e artistas tem se debruçado sobre documentos históricos, empunhado teses, e propondo novas perspectivas sobre origem, ética e estética do povo gaúcho, tentando definir com mais destreza traços comuns, assim o agregando de maneira mais fiel ao complexo conjunto de identidades brasileiras; uma soma pela diferença. Dessas novas vertentes, três expoentes coincidem diretamente com a visão desse trabalho, mas sem dúvida, com uma análise mais prolongada e profunda, seriam vistos não como exceção. Juremir Machado da Silva, escritor e professor, tem abordado o tema da produção do imaginário do estado em suas obras literárias. Em História Regional da Infância (2010), já citado, o escritor, em suas próprias palavras “ contesta os mitos que por séculos sustentaram o imaginário acerca da Revolução Farroupilha”. Na sua trilogia regionalista, Cai a Noite Sobre Palomas (1995), Viagem ao Extremo Sul da Solidão (1997) e Fronteiras (1999), evoca uma imagem gaúcha mais próxima às origens defendidas nesse texto, do povo do pampa, nascido mestiço e forjado solito.

Ainda no campo da literatura, o escritor e cineasta Tabajra Ruas tem aventurado-se em prosas campeiras, explorando os fantasmas na alma do homem da fronteira gaúcha, como em Perseguição e Cerco a Juvêncio Gutierrez (1990), O Fascínio (2008), e Minuano (2014). Vale ressaltar também, apesar da redundância, o genial e reconhecido trabalho de romance histórico de Érico Veríssimo, em especial (mas não delimitado a) na trilogia de O Tempo e O Vento, em que evidencia, em uma narrativa que transcende gerações, inúmeros eventos históricos já citados nesse trabalho, que, se desviando de maneirismos folclóricos, contribuíram para a consolidação da identidade do povo gaúcho no imaginário recente. Na área da música, com notável lucidez, dois expoentes se diferem do tradicionalismo cultista dos CTGs. Demétrio Xavier, que mesmo não tendo rompido com o movimento, o compreende de uma maneira mais próxima à visão de Côrtes e Lessa, de uma cultura folclorista em constante mudança. “Cantar a aldeia, com as vozes da Cultura Crioula e os sotaques do Continente de São Pedro e do Continente Latino-Americano.” Desse maneira o radialista e músico iniciava seu programa, Cantos do Sul da Terra, na FM Cultura. Xavier propunha a visão folclorista com consciência de suas raízes, tendo como grande ídolo uma das vozes mais icônicas da América Latina, o argentino Héctor Roberto Chavero, mais conhecido como Atahualpa Yupanqui.

Ainda mais contemporâneo, e se alinhando muito com a visão proposta nesse trabalho, é a obra recente de Vítor Ramil, em Ramilonga – A Estética do Frio. No álbum de mesmo nome e no livro/manifesto (2004), Ramil questiona não só a imagética imposta pelo MTG, a qual se refere como “gauchismo”, como sua própria brasilidade e identidade como artista. As questões levantadas em seu livro, de complexas soluções, são extremamente assertivas em entender a necessidade de fugir de clichês tanto tropicais quanto nativistas. Instintivamente, propõe que há sim, de fato, uma identidade comum e intrínseca ao Sul: o Frio.

“Precisamos de uma estética do frio, pensei. Havia uma estética que parecia mesmo unificar os brasileiros, uma estética para a qual nós, do extremo sul, contribuíamos minimamente; havia uma ideia corrente de brasilidade que dizia muito pouco, nunca o fundamental de nós. Sentíamos-nos os mais diferentes em um país feito de diferenças. Mas como éramos? De que forma nos expressávamos mais completa e verdadeiramente? [...] O que eu queria ao cobrar de mim mesmo uma estética do frio? Acho que, antes de mais nada, queria reagir àquela indefinição, por tudo o que ela representava [...] Unidade. A própria ideia do frio como metáfora amplamente definidora apontava para esse caminho: o frio nos tocava a todos em nossa heterogeneidade. Então me perguntei: como seria uma estética do frio? Por onde começar? (RAMIL, 2004)”

Vítor retoma a imagem do habitante do pampa, solitário, vivendo sem fronteiras na imensidão do horizonte campeiro, ao mesmo tempo que entende que essa visão, desarmada de todos os estereótipos nativistas, era, sem sua matriz, verdadeira. Propõe também a teoria de que a Estética do Frio é compartilhada entre todo o povo gaúcho, independente do idioma falado ou de onde tenha nascido. Campo e cidade comungam-se na introspecção natural do frio citada por Ramil na forma da milonga, da música popular do território gaúcho, originada da mistura do Candombe africano com o violão espanhol, prima do Tango argentino, o hino do “homem que canta triste”. Segundo o próprio Ramil, no fechamento de seu texto:

“Vejo Porto Alegre e Rio Grande do Sul como um lugar privilegiado por sua história social e política e sua situação geográfica únicas. Somos a confluência de três culturas, encontro de frialdade e tropicalidade. Qual é a base da nossa criação e da nossa identidade se não essa? Não estamos à margem de um centro, mas no centro de uma outra história.(RAMIL, 2004)”

Território Identitário: as pedreiras, o gaúcho, a solidão e o horizonte

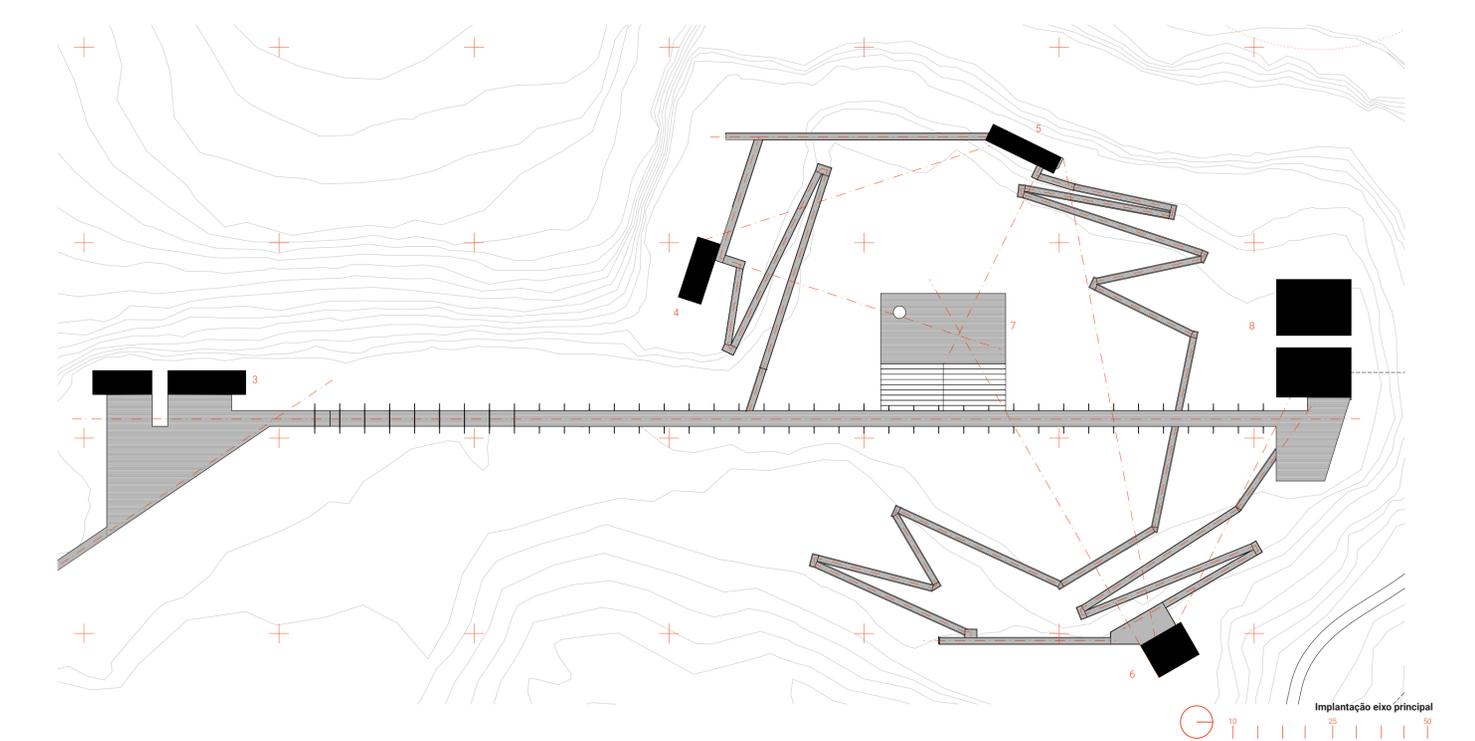
A cidade de Porto Alegre possui, contornando a região central urbana, uma vasta cadeia de morros graníticos. São áreas em sua maior parte ainda naturais, com nascentes e cursos d’água, além de espécies animais, vegetais e biomas ameaçados de extinção. Segundo o Atlas Ambiental de Porto Alegre:

“Em Porto Alegre terminam – ou começam – os terrenos de coxilhas, morros e cristas vegetados por savanas pertencentes ao Escudo Sul-Rio-Grandense, que se estendem desde a porção sul e leste do Uruguai e do estado [...] constituindo uma espécie de passagem para as terras do Pampa e da Patagônia argentinas.”[...]“Embora pertencentes a países distintos, os habitantes dessa vasta região da América do Sul, marcada por frio e calor intensos, campos e estepes, planícies úmidas e secas, compartilham uma mesma identidade cultural, a gaúcha. Pode-se dizer que os porto-alegrenses são os gaúchos orientais do norte”.

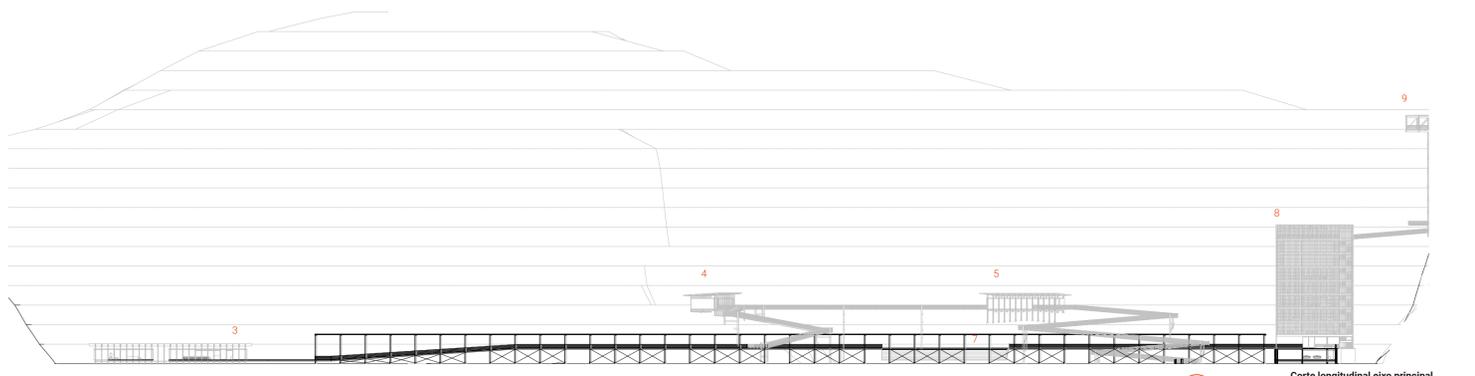
Em 1994, na zona sul da capital, foi criado o Parque Natural Morro do Osso, respeitando o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. Com 143 metros de altura, o sítio faz parte da cadeia geográfica que guarnece a cidade. Não longe dali, em outros morros não tão afortunados, como no Morro Santana, Morro da Companhia e Morro Pelado, a indústria de extração mineral esculpiu sua presença nos cumes e encostas pedregosas. Imensos vazios do estrago feito pelas mineradoras foram deixados para trás, como a memória de uma agressão ao território, um testemunho de nossa condição Latino-Americana.

Na zona leste, próximo à divisa entre os bairros Agronomia e Lomba do Pinheiro há uma vasta cicatriz na superfície verde do Morro Pelado: uma pedreira abandonada ladeada por uma grande área de preservação natural relativamente próxima ao tecido urbano, longe da cidade formal e ainda não incorporada à cidade informal, escondida pela natureza e pelos próprios morros.

É exatamente nessa grande gleba que é proposto o projeto do Centro de Reinterpretação do Sul, em um território localizado na margem da cidade e do natural, um campo ainda preservado dentro do território urbano, uma área sem fronteiras visíveis e com mirada para o vasto horizonte. A ampla conexão, abordada nesse trabalho, do gaúcho com a terra, com a vasta imensidão solitária do pampa, declara a intenção por detrás da implantação de um equipamento cultural solto em um grande território, sem demarcação clara de limites ou recuos urbanos, num gesto simples, livre, nômade. Não só pela poética de ressignificar uma área de extração mineral, um cicatriz aberta no território, com a instalação de um espaço que reinterprete uma história deliberadamente mal contada, uma fissura no passado gaúcho, o sítio possui uma localização muito privilegiada em uma zona da cidade que carece de qualquer privilégio.



mapa 4 - Imagem de satélite (google) sobreposta a curvas de nível das cartas planimétricas (PNA), sem escala, elaborado pelo autor



1. acesso ao público: rua com balão visível, estacionamento, bicicletário e porto de ônibus 2. ponto de entrada ao centro cultural / acesso secundário para serviço - corredor direito ao equipamentoônico 3. centro de visitação 4. instalação histórica 5. instalação etnográfica 6. instalação arqueológica 7. praça seca 8. equipamentoônico 9. mirante 10. parque 11. Carga/descarga serviço 12. fanos



Zona Leste: a fronteira urbana

A zona leste de Porto Alegre tem como característica a existência à margem da sociedade, a escassez de acesso à cultura e um sentenciado indeferimento do direito à cidade. A população local mal se considera pertencente à cidadania de uma capital, sobrevivendo na desigual realidade da periferia, sendo, por coerência histórica, de maioria parda, negra e indígena, exatamente, os grupos excluídos do pertencimento à identidade gaúcha. É nesse contexto de ausência de reconhecimento, da inerente escassez, que esse trabalho se propõe a criar um centro cultural para não só narrar de maneira mais fiel essa história que diz respeito a todos, mas também para incluir novamente os povos que historicamente vêm sendo apagados intencionalmente da cultura gaúcha, seja outrora o guarani, charrua, minuano, negro, missioneiro ou ainda no presente, o morador da periferia, fusão desses povos todos, o gaúcho da fronteira urbana.

Essa zona leste, ou região 4 do Orçamento Participativo da cidade de Porto Alegre, composta pelos bairros Agronomia e Lomba do Pinheiro, com aproximadamente 62.000 habitantes (senso 2010) carece profundamente de inclusão à cultura. No mapa ao lado é possível perceber que a densidade de equipamentos culturais (pontos pretos: observapoa) é concentrada, como é de se esperar, na região central da cidade (centro histórico), a aproximadamente 10km (círculo 1, externo no mapa) de distância do ponto de origem, a localização do terreno proposto nesse trabalho. Nessa zona também se encontra, em companhia com a zona sul, a maior concentração de aldeamentos indígenas na cidade, com as etnias Kaingnag (je), Guarani e Charrua.

Como representado no mapa 3, no limite de um raio de 5km (círculo 2) começam a aparecer os primeiros equipamentos culturais, todos de caráter privado. Partindo do origem em direção ao sul há a ocorrência de apenas um espaço cultural, o Parque Gabriel Knijnik, no Morro São Caetano. Em um raio de 2km de distância (círculo 3), se encontram as vias estruturadoras mais próximas, a Av. Bento Gonçalves e a Est. João de Oliveira Remião, onde passam diversas linhas de transporte público, indicando uma rota de aproximação possível para mobilidade urbana. Nessa área também se encontram grandes polos atrativos da região, como os Campi da UFRGS e o Cemitério Parque Jardim da Paz. Aproximando um pouco mais essa análise, dentro de um raio de 1km (círculo 4), já quase não se encontram mais ruas pavimentadas (observapoa), existindo apenas vias vicinais. O uso do solo nessa área é também majoritariamente residencial, mas muito esparsa, bem como em relação a comércio, com poucos pontos isolados. Além disso, nesse raio se encontra ainda uma escola estadual de ensino fundamental, além de um centro hípico e das próprias pedreiras. A densidade demográfica nesse raio específico é a de apenas 1,23 hab/km² (observapoa), muito distante dos 16 hab/hm² da região central da cidade.

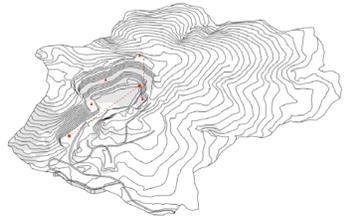


figura 1 - topografia e distâncias

PRÊMIO IAB RS - turmas 2023